



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

Modalidade: Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia - Licenciatura

PROTAGONISMO INFANTIL NA LENTE DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UM ESTUDO NO CAMPO DAS INFÂNCIAS

ZAMBONI, Daniele - estudante;¹
LIMA, Samantha Dias de - orientadora²

Resumo: O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso desenvolvido como requisito obrigatório para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul *Campus* Farroupilha. A investigação é situada no campo dos Estudos das Infâncias, com aproximação teórica com a Sociologia da Infância, tendo como recorte o Protagonismo Infantil. Autores como: Ana Nunes de Almeida (2011), Philippe Ariès (1986), Clarice Cohn (2005), Leni Vieira Dornelles (2005), Ana Lúcia Goulart de Faria e Daniela Finco (2011), Chris Jenks (2002), Amanda Cristina Teagno Lopes Marques (2017), Fernanda Muller (2006), Natália Fernandes (2009), Fátima Pereira (2009), Neil Postman (1999), Samantha Dias de Lima (2015, 2018, 2019, 2020, 2021) e Manuel Jacinto Sarmiento (1997, 2003, 2005) sustentam o estudo. O objetivo geral do trabalho foi estudar o protagonismo da criança sob a perspectiva da Sociologia da Infância. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e teve como método a pesquisa bibliográfica. Como resultados podemos apontar a visibilidade dos últimos anos para as infâncias, que passam a ser vistas por si só, e não mais como uma preparação para a fase adulta, sendo que esta visão propicia o tempo-espaço para o protagonismo infantil e as culturas das infâncias.

Palavras chave: Protagonismo Infantil. Sociologia da Infância. Infâncias. Culturas das Infâncias.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

A Primeira Infância é um período importante para a formação da identidade e do desenvolvimento integral da criança. No contemporâneo, o Protagonismo Infantil tem

1Acadêmica de Pedagogia - Licenciatura; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha, e-mail: dani.zamboni204@gmail.com

2Professora orientadora - atuante na Pedagogia - Licenciatura; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha, e-mail: samantha.lima@farroupilha.ifrs.edu.br



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

vido um tema recorrente em discussões no campo da educação, com uma crescente valorização da participação ativa das crianças na sociedade e seus espaços escolares e familiares. A Sociologia da Infância, por sua vez, oferece uma perspectiva teórica que permite compreender a criança como um agente social ativo, bem como influenciador em seu próprio ambiente.

Diante desse contexto, o presente trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivos: investigar o protagonismo da criança sob a perspectiva da Sociologia da Infância; identificar como as crianças, na Primeira Infância (0-6 anos) são envolvidas em processos de decisão e participação na sociedade; e explorar quais as formas de interação entre crianças e adultos nesse contexto e como essas experiências podem influenciar a formação de sua identidade social.

Nessa perspectiva, essa pesquisa fundamenta-se em autores e autoras como: Ana Nunes de Almeida (2011), Philippe Ariès (1986), Clarice Cohn (2005), Leni Vieira Dornelles (2005), Ana Lúcia Goulart de Faria e Daniela Finco (2011), Chris Jenks (2002), Amanda Cristina Teagno Lopes Marques (2017), Fernanda Muller (2006), Natália Fernandes (2009), Fátima Pereira (2009), Neil Postman (1999), Samantha Dias de Lima (2015, 2018, 2019, 2020, 2021) e Manuel Jacinto Sarmiento (1997, 2003, 2005), uma vez que eles dialogam acerca dos conceitos dos Estudos das Infâncias, em destaque, no campo da Sociologia da Infância (SI) e do Protagonismo Infantil, reiterando a importância da criança como agente social ativo e a valorização de sua fala, reforçando que ela tem o mesmo valor que os demais dentro da sociedade. Além disso, os/as autores/autoras apontam como esses conceitos estão presentes no cotidiano da escola infantil e como pode ser feito para que esteja ainda mais presente no contexto escolar.

Para as autoras Faria e Finco (2011), a Sociologia da Infância demonstra uma demanda de pesquisar a criança e sua educação para além do desenvolvimento psicológico individual dela, entendendo sua trajetória enquanto indivíduo histórico, político, cultural e social. Com os estudos da SI, as crianças estão adquirindo



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

visibilidade no campo das ciências sociais, e com isso, apontam para a construção social da concepção de Infância como um novo paradigma, demonstrando uma necessidade de reconstruir esse conceito que foi marcado, por muito tempo, por uma visão adultocêntrica da criança.

As crianças, do ponto de vista da SI, fazem parte de um grupo social que deve ser valorizado e, também, respeitado em suas singularidades e pluralidades. A SI se opõe à ideia de que a criança é um ser passivo e que somente obedece às orientações dos adultos ao seu redor. Mas sim, adere à concepção de que a relação entre a criança e o adulto é de suma importância, principalmente na escola, que é um espaço onde oferece visibilização das infâncias e de sua cultura, tendo em mente que o adulto é mediador e a criança é participante ativa na tomada de decisões. Como nos mostra Lima (2019):

[...] a Sociologia da Infância é convocada para visibilizar a criança enquanto produtora de cultura, o que pode ser evidenciado por meio de concepções como a 'cultura de pares' (produção de cultura entre as crianças) e o 'protagonismo infantil' (possibilidade da criança viver sua vida a partir de suas necessidades e desejos), onde ambas se dão por meio da participação infantil, tendo a criança como sujeito competente no centro das escolhas e vivências sociais e culturais. (LIMA, 2019, p. 4)

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, onde é possível gerar observações subjetivas de acordo com interpretações baseadas nos autores e nas autoras que sustentam a investigação. Além disso, entender a relação da criança com a sociedade, compreendendo as implicações históricas que formaram o papel da criança e do conceito de infância atual. O texto possui uma metodologia de natureza básica, com o objetivo de formar novos conhecimentos para os estudos da temática.

Para atingir os objetivos, este texto está organizado em seis seções, sendo a primeira essas "Notas Introdutórias", e as demais: "Infâncias: Modernidade à Contemporaneidade"; "Sociologia da Infância como lente teórico-analítica para pensar as infâncias no Contemporâneo"; "Culturas Infantis: as crianças como produtoras de



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

cultura”; “Protagonismo Infantil: vez e voz da criança”; e, por fim, “Considerações Finais”.

2 INFÂNCIAS: MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE

Os estudos das infâncias apresentam a necessidade de olhar para as crianças além da perspectiva adultocêntrica, em seus papéis de filhos, alunos, netos, entre outras categorias geracionais. Assim, entendendo que a criança precisa vivenciar suas fases de forma identitária e com autonomia. Por isso, os Estudos das Infâncias vêm ampliando significativamente o referencial que nos ajuda a entender as infâncias, envolvendo diversas áreas do conhecimento, tais como: Filosofia da Infância, Antropologia da criança e Sociologia da Infância, sendo o nosso viés teórico-analítico de pensar-estudar as infâncias e as crianças. A SI permanece em ligação com as demais ciências que formam a base para esses estudos e se preocupam em entender a criança para além de ser biológico, como ser social e histórico.

Nesta seção, apresentamos um breve resumo da história do conceito de Infância, para entendermos mais sobre as concepções de Sociologia da Infância e Protagonismo Infantil, ideias base para este artigo. Segundo Ariès (1986):

[...] sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. (ARIÈS, 1986, p. 10)

Por muito tempo, a criança não era vista como ser social isolado, ou seja, a fase “infância” não existia. A criança não tinha relevância para a sociedade até que completasse certa idade e pudesse contribuir, principalmente, com sua mão de obra. Até então, ela era reconhecida apenas como um ser que não falava, não caminhava, e



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

não tinha autonomia, portanto, não tinha serventia. Então, quando atingisse certa expertise, realizava todas as tarefas e possuía todos os deveres de um adulto onde, isso sim, possuía valor para a sociedade.

O termo infância é originário do latim *infantia*, que significa “incapacidade de falar”. Com essa definição, podemos gerar uma reflexão, pois a criança enquanto bebê, realmente não possui a capacidade da voz falada, porém, ela tem a capacidade de se comunicar a partir do seu nascimento, expressando suas necessidades através do choro e de gestos. Com o significado de “não fala”, surge outra perspectiva, no sentido de que a criança nem sempre é ouvida, e ouvir no sentido de levar em consideração e valorizar a fala dela e não apenas escutar sem compromisso.

Porém, o conceito de infância ainda aparece de forma instável e impreciso. Isso se dá pelo fato de ser uma concepção recente e, além disso, de serem confundidos os conceitos de infância e de criança. Por isso, os sociólogos portugueses, Manuel Jacinto Sarmiento e Manuel Pinto (1997), citam sucintamente a diferença entre os significados de infância e crianças. Conforme os autores:

[...] crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controlo que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. (SARMENTO; PINTO, 1997, p.11)

Diante disso, é de suma importância termos conhecimento dessa diferença entre os conceitos de criança(s) e de infância(s), pois a criança como ser biológico sempre existiu, porém o conceito de infância é uma construção social, constituída recentemente, na Modernidade. Cabe ainda ressaltar, que optamos em assumir ambos os termos no plural, por entendermos que cada contexto social, geográfico, etário, imprime às suas características e especificidades - configurando infâncias e crianças.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

Na Idade Média, a infância começou a ser vista como período social separado da fase adulta, até então, era apenas vista como o espaço entre o nascimento e a idade em que as crianças poderiam colaborar com a sociedade determinada pelas condições físicas, para acompanhar as atividades dos adultos.

Depois, no início da Idade Moderna, a partir do século XV, surge a democratização da leitura, onde o conhecimento passou a ser transmitido de outra forma que não a oral: pela leitura e pela escrita. Dessa forma, para ingressar no mundo dos adultos, as crianças deviam antes desvendar os códigos escritos (POSTMAN, 1999, *apud* LIMA, 2015, p. 76-77). Ainda na Idade Moderna, a criança obteve um novo lugar dentro da sociedade, na qual a sua posição era de um mini adulto, onde começou a notar-se sua inocência e, com isso, surgiu certa preocupação com sua defesa.

Segundo as ideias de Ariès (1986), na Modernidade, período caracterizado pelo surgimento da ciência, da tecnologia, do capitalismo e do individualismo, começam os estudos em relação às crianças e, com isso, surge o conceito de infância. Onde, dessa forma, a criança passa a ser vista como ser social isolado do adulto, sendo respeitadas suas fases de desenvolvimento e suas limitações. De acordo com Pereira (2009):

A constituição do conceito de infância relaciona-se com uma panóplia de factores sociais, intersubjectivos e cognitivos nos quais as concepções científicas e as justificações públicas da acção escolar se articulam, de um modo profundamente complexo e pouco esclarecido, com as práticas docentes que determinam os quotidianos das crianças no contexto escolar e fora dele. (PEREIRA, 2009, p. 90)

À vista disso, conforme Lima (2015, p. 74-74) deve-se reconhecer a infância como um fenômeno social que faz parte e está ligada com os demais âmbitos das sociedades e, não implica em analisá-la de forma isolada. Com isso, também entende-se que, por mais que o conceito de infância seja global, a sociedade em que a criança vive influencia diretamente a forma como ela é vista. A infância tem uma duração bastante variável em distintas sociedades e não é fácil teorizar sobre a infância e as



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

crianças sem considerar os contextos estruturais, condições e tempos onde se inserem.

Portanto, assim que começaram os Estudos sobre as Infâncias, a criança possuía uma ideia de inocência e pureza. Elas eram como se fossem vitrines, que tinham como serventia entreter os adultos com sua imagem angelical. Também, eram ressaltadas suas inabilidades, com uma visão de vítima e paparicação. O conceito de paparicação foi dado por Ariès (1986), que diz:

Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”. Originariamente, esse sentimento pertencera às mulheres, encarregadas de cuidar das crianças - mães ou amas. (ARIÈS, 1986, p. 158)

O período do Romantismo surgiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa, que durou na maior parte do século XIX e foi marcado por ser um movimento artístico, político e filosófico. De acordo com as ideias de Pinto:

[...] o sentimento de infância contemporâneo é fruto de uma realidade que começa a ganhar contornos a partir dos séculos XVI e XVII, em que o período do Romantismo instaura uma nova perspectiva de cuidados com as crianças, mas essa praticamente adquire expressão social somente no século anterior a este. (PINTO, 1997, *apud*, LIMA, 2015, p. 77)

A Idade Contemporânea é um período entre o início da Revolução Francesa e a Queda da Bastilha, em 1789, até os dias atuais. Esse momento é caracterizado pela consolidação do capitalismo em todo o mundo. Além disso, também é nesse período do contemporâneo que o conceito de infância começa a se concretizar e formar a concepção que conhecemos hoje em dia. Com a invenção da infância ocorrem diversas mudanças e readaptações nas sociedades, principalmente no ambiente familiar. Para Dornelles (2005):



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A invenção da infância produziu mudanças no ambiente social doméstico. Essas mudanças materializaram-se nos espaços internos das casas, redistribuindo-os. [...] A casa passa a ser o espaço de responsabilidade da família, que deve manter os indivíduos em seus lugares, em suas peças, em seus leitos. (DORNELLES, 2005, p.41)

Com isso, nos dias atuais, percebemos que a família é a base para o desenvolvimento afetivo da criança. O ambiente familiar é organizado para sanar as necessidades das crianças, o que não era visto até então, demonstrando uma grande preocupação com os cuidados, a proteção e a educação delas. Quando uma criança chega em uma família, os pais adaptam todo conjunto para recebê-la da melhor forma. Esse conjunto se caracteriza por alguns fatores, sendo eles: o ambiente físico, a rotina dos responsáveis, a forma de interação entre os integrantes, o comportamento deles e gastos financeiros; tudo isso demonstrando prioridade com a criança.

A partir da nova ideia de infância, desde a sociedade moderna, viu-se a necessidade de cuidados especializados para a criança. Dessa forma, começaram a surgir serviços e espaços para as exigências delas.

O fenômeno da infância está em constante mudança, suas concepções são moldadas de acordo com o cenário histórico, com a cultura e com a sociedade em sua totalidade. Isso é um processo natural, já que nas próprias múltiplas sociedades ocorrem transformações. Contudo, precisamos entender, como coletivo, que as crianças são produtoras de ideias e culturas, como nos mostra Sarmiento (2007):

[...] a defesa da ideia das crianças como produtoras culturais, [...], apresenta uma frontal oposição às teses dominantes que apresentam as crianças como meros receptores passivos e como seres caracterizados pela dependência da razão, das normas e dos valores que os adultos lhe impõem ou inculcam. (SARMENTO, 2007, p. 25)

Em vista disso, deve-se ressignificar a concepção de criança apenas como ser biológico, tendo uma ideia de inocência e total dependência do adulto. E sim, entender



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

a criança como ser social ativo e produtora de culturas, entendendo que deve-se dar voz às crianças para que elas possam ser protagonistas da sua própria história.

2.1 SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA COMO LENTE TEÓRICO-ANALÍTICA PARA PENSAR AS INFÂNCIAS NO CONTEMPORÂNEO

Nesta seção, tratamos da Sociologia da Infância e a assumimos como uma lente teórica e analítica, visto que a SI está sendo movimentada enquanto concepção teórica mas também como lente pela qual operamos o nosso entendimento de infâncias plurais.

Como visto na seção anterior, por muito tempo, a criança não era vista como ser social isolado do adulto. Quando a criança completava determinada idade e capacidade, realizava todas tarefas e possuía os mesmo deveres que os adultos. Com o passar do tempo, os estudos na área vêm sendo cada vez mais aprofundados, onde com isso, a criança passou a ser reconhecida como agente social ativo e, assim, tendo seus direitos garantidos por lei.

Na Constituição Federal de 1988, ficou definido que os pais, a sociedade e o poder público devem respeitar e garantir os direitos das crianças, definidos no artigo nº 227 que aponta:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p.132)

Um dos primeiros sentimentos da concepção de infância, nomeado por Ariès (2006) de paparicação, manifesta-se nos ambientes familiares com a percepção da criança como fonte de distração por sua ingenuidade. Depois, no século XVII,



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

constitui-se um novo sentimento, relacionado à preocupação com a formação moral com o objetivo de preservar a inocência infantil da corrupção da vida e desenvolver o caráter e a razão. Dessa maneira, podemos perceber a importância da família na constituição da criança como ser social em sua totalidade.

Os estudos da Sociologia da Infância buscam por conquistas sociais básicas a favor dos direitos das crianças e com isso, construir uma sociedade justa e igualitária. Na etapa da Primeira Infância, as crianças constroem suas identidades no seu convívio social, onde vivenciam relações do cotidiano com seus pares e assimilam seu papel dentro da sociedade, por isso a importância do estímulo de tomada de decisões desde a primeira etapa da vida.

Isso implica em abandonar uma visão adultocêntrica, mundo visto/vivido somente pela ótica adulta, e procurar conhecer a perspectiva infanto cêntrica, em que a visão de mundo se daria pela lógica infantil, mesmo parecendo uma realidade pouco provável. Urge uma mudança paradigmática, na qual os adultos enquanto mediadores (ainda que em alguns momentos) das relações das crianças com o mundo social e cultural promovam espaços para que elas construam a experiência enquanto sujeitos participativos e protagonistas. (LIMA, 2019, p. 4)

Quando o adulto ouve a criança além dos aspectos de cuidado e fragilidade, é espontâneo que se aprofunde mais sobre as infâncias e as crianças, bem como acerca das práticas sociais e culturais daquele ambiente. Contudo, é necessário que o adulto, como mediador, oportunize diálogos com a criança observando se, além disso, existem as ações da parte do adulto de ouvir, aceitar, atender e colocar em prática a opinião da criança mesmo que ela seja além do esperado pela visão do adulto. Conforme Fernandes (2009):

[...] as crianças são um grupo social com caráter permanente na sociedade. Têm um espaço e um tempo que, apesar das especificidades culturais, sociais, econômicas, configuradoras de complexidades e dissemelhanças significativas entre os seus elementos, marcam uma etapa de vida para qualquer indivíduo, e determinam também a organização de qualquer sociedade. (FERNANDES, 2009, p. 25)



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A SI estuda a perspectiva social e histórica da criança, reiterando seu valor na coletividade e acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, como por exemplo: contexto e diversidade das diferentes formas de configuração familiar, a relação entre criança e adulto, a importância do professor e da escola no processo de socialização da criança, entre outros. Essas alterações vão acontecendo conforme a realidade social do mundo inteiro e, outro objetivo da SI é acompanhar e entender como essas situações refletem na criança enquanto agente social. De acordo com Sarmiento (2005):

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para elas. (SARMENTO, 2005, p. 363)

As crianças, na Primeira Infância, estão moldando sua identidade e seus valores e, espontaneamente, reproduzindo a cultura do mundo adulto que as cerca. Porém, as crianças (re)elaboram e (res)significam o que lhes é transmitido, de acordo com as relações com seus pais. Portanto, por mais que a sociedade tenha uma ideia adultocêntrica da criança, onde se pensa que a criança deve ser o espelho dos pais, a Sociologia da Infância nos mostra que vai além disso, ou seja, a criança também possui suas preferências e concepções, e essa fala deve ser ouvida e valorizada.

Acreditamos que as relações culturais vividas entre as crianças e adultos promovem diferentes marcas, as quais possibilitam um tipo peculiar de aprendizagem, em que a cultura é produto do meio social ao mesmo tempo em que as vivências sociais produzem novas culturas. (LIMA, 2019, p. 8)

De acordo com Faria e Finco (2011), por conta das novas ideias de crianças, é necessário gerar uma reflexão sobre a concepção de professores. Esse docente deve



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

ser capaz de proporcionar essas oportunidades que irão favorecer a autonomia e o protagonismo das crianças dentro da sala de aula e refletindo fora dela. Afinal, o docente é o mediador do desenvolvimento e da aprendizagem da criança, mas quem realmente administra é ela mesma.

No ambiente escolar, deve-se respeitar e garantir os direitos da criança, afinal, ela é o centro da educação. É imprescindível que todos da comunidade conheçam os direitos da criança e percebam sua importância em todos os aspectos da sociedade, principalmente no ambiente escolar. Além disso, deve-se notar e entender a realidade de cada criança, Cohn (2005, p. 26): “[...] crianças existem em toda parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural”.

A Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 2018), um documento de caráter normativo a fim de sistematizar o conjunto de aprendizagens essenciais, as quais todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, assegurando seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Quando estudamos as infâncias, por consequência, conhecemos sobre o conceito de Sociologia da Infância, já que nessa área também é investigado o histórico da concepção de infância e estuda a criança da perspectiva de ser social, valorizando e entendendo as contribuições dela para a nossa sociedade. Além disso, também dar voz para as crianças, pois elas são as impulsionadoras desses estudos.

3. CULTURAS INFANTIS: AS CRIANÇAS COMO PRODUTORAS DE CULTURA

O Estudo das Culturas da Infância demonstra que um ponto importante a se levar em consideração, é a interpretação da autonomia da criança em relação ao



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

adulto. Sarmiento (2003), manifesta em suas ideias que o debate sobre as culturas infantis não se baseia no fato das crianças produzirem noções autônomas, e sim, significações em coletivo, formando a cultura da sociedade, que inclui seus comportamentos, tradições e conhecimentos de tal grupo. Devemos levar em consideração que as crianças produzem culturas diferentes dos adultos, e é isso que forma a sociedade.

Essas formas culturais radicam-se e desenvolvem-se em modos específicos de comunicação intra e intergeracional e, possuem dimensões relacionais: constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos, estruturando-se nessas relações formas e conteúdos representacionais distintos; e exprimem a cultura social em que se inserem, mas o fazem de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo em que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo (SARMENTO, 2003).

As culturas infantis são constituídas por produções culturais geradas na interação das crianças entre si e entre elas e os adultos. Podemos observar diversas formas de manifestações das Culturas da Infância no próprio cotidiano delas, basicamente tudo que envolve uma expressão cultural advinda da historicidade. Como diz Sarmiento (2003):

Entre as formas culturais produzidas e fruídas pelas crianças, consideraremos fundamentalmente os jogos infantis, cuja memória histórica da sua construção se perde no tempo e que são hoje um patrimônio preservado e transmitido pelas crianças, numa comunicação intergeracional que escapa em larga medida à intervenção adulta. (SARMENTO, 2003, p. 57)

Com os estudos dessas culturas podemos observar uma variedade de infâncias, não vendo como um fenômeno único e universal. Isso se dá pela diversidade de culturas existentes no mundo inteiro, cada qual com seus costumes, comportamentos, tradições e conhecimentos. De acordo com Sarmiento (2003):



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A pluralização do conceito significa que as formas e conteúdos das culturas infantis são produzidas numa relação de interdependência com culturas sociais atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência étnica, que impedem definitivamente a fixação num sistema coerente único dos modos de significação e acção infantil. (SARMENTO, 2003, p. 54)

As culturas da infância, por serem socialmente produzidas e constituídas historicamente, são alteradas pelo processo histórico de reorganização das condições sociais que as crianças vivem e convivem entre si e com seus pares. Com isso, de acordo com Sarmiento (2003), “as culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade.”.

Atualmente, podemos perceber essa modificação das culturas infantis pela grande influência do consumismo e do avanço da tecnologia. Existe um excesso de informações, principalmente por conta do uso de aparelhos tecnológicos, ligado às transformações da economia, onde acaba por criar novas visões das culturas infantis do mundo atual.

As crianças são e devem ser vistas como sujeito ativo na construção e determinação de seu ser social e, também, contribuindo para a formação da sociedade que está em contato. Quando pensamos na sociedade que a criança está inserida e que vive em constante mudança, podemos incluir o ambiente escolar também. A escola é um dos ambientes onde a criança deve ter a oportunidade e o espaço de produzir suas culturas, porém, os docentes devem conhecer as concepções de culturas infantis, principalmente àquela dos dias atuais.

Além da escola, podemos identificar a produção de culturas infantis em todos os ambientes onde ocorrem algum processo educativo. É nesses espaços em que as crianças manifestam suas vontades e, com isso, acabam realizando o processo de produção de cultura.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

[...] a educação não está limitada somente à escola, portanto, bibliotecas, brinquedos, televisão, videogame, anúncios constituem-se também como espaços pedagógicos. Isso significa que grandes corporações produzem o que a autora chama de currículo cultural para as crianças, o que estaria a serviço dos interesses comerciais que agem em favor da vantagem individual e não do bem social. (STEINBERG, 1997, *apud*, MULLER, 2006, p. 559)

Em vista disso, é importante entender que as crianças se apropriam de forma criativa das informações que captam do mundo ao seu redor, tanto de suas relações entre crianças quanto de suas relações com os adultos, com isso, passam a produzir suas culturas. É necessário ter um olhar atencioso em relação às contribuições infantis, as quais auxiliam na mudança social. É de suma relevância que os adultos levem a sério e em consideração as produções das crianças, afinal, elas também fazem parte e contribuem com a sociedade. Atos como ouvir suas histórias, seus contos, suas reflexões e, se possível, atender seus pedidos, são gestos que fazem a diferença e consideram a criança como ser social ativo.

3.1 PROTAGONISMO INFANTIL: VEZ E VOZ DA CRIANÇA

Quando ouvimos e registramos as vozes das crianças, mesmo que pequenas, compreendendo-as como sujeitos ativos na sociedade, podemos perceber que elas constroem suas relações a partir dos seus interesses, desejos e valores. Com isso, podemos perceber que a Sociologia da Infância, citada nas seções anteriores, tem uma grande ligação com o Protagonismo Infantil, complementando um ao outro.

A SI estuda a perspectiva social e histórica da criança, reiterando seu valor na coletividade e acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea. Enquanto o PI visa a criança como participante ativa em suas escolhas, entender como isso interfere em seu modo de viver, sendo no ambiente social em geral, familiar ou escolar. Portanto, os dois conceitos possuem suas particularidades mas ao mesmo tempo uma ligação entre eles.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

Aprofundando mais sobre o conceito de Protagonismo Infantil, a palavra “protagonismo” vem da origem etimológica do termo “protagonistés”, do idioma grego, na qual representava um ator principal de uma peça de teatro ou uma qualidade de um sujeito que se destaca em determinada situação.

Em uma perspectiva pedagógica, a criança deve ser valorizada em suas múltiplas potencialidades e, entendida em sua individualidade. Onde, para que a criança se torne protagonista, é preciso reconhecer os seus direitos e ter um olhar atento e curioso em relação às suas perspectivas.

Na concepção do PI, a criança é vista como um ser autônomo, o qual é capaz de incentivar ações e decisões importantes no seu contexto social. Isso gera, na criança, uma diversidade de novas noções, como: responsabilidade social, formação de identidade, autonomia e cidadania. Além disso, também estimula a autoestima da criança, fazendo com que ela perceba que tem valor para onde vive. Segundo Friedmann:

O protagonismo infantil tem surgido em grupos em que crianças das mais variadas faixas etárias, culturas, faixas socioeconômicas, colocam seus pensamentos, sentimentos, vivências, opiniões, reivindicações, preferências e realidades de vida. O protagonismo acontece de forma cotidiana onde quer que crianças vivam e cresçam: nos núcleos familiares os mais diversos, em comunidades, escolas, espaços públicos, em organizações sociais; enfim, onde há crianças há protagonismo infantil. (FRIEDMANN, s./a, p. 1)

Pode-se colocar o Protagonismo Infantil em prática de diferentes formas, como por exemplo: quando o adulto, como mediador da relação, cria um diálogo com a criança, ouvindo-a de forma a valorizar sua fala, entendendo a mensagem que quer ser transmitida e estimulando a criança a expor sua opinião e sua tomada de decisões.

Relacionando o PI com a escola, podemos perceber diversos benefícios à criança. Isso inclui: promover nela um maior senso de responsabilidade e senso crítico, reflexão da tomada de decisões antes do agir. Além disso, promove a formação



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

de seres ativos na sociedade, onde ela compreende que também tem voz e é ouvida nos ambientes que está inserida.

O docente, como mediador dos processos educativos, têm um papel importante na concretização do Protagonismo Infantil dentro da sala de aula. Ele tem como deveres: ter um planejamento flexível, observar a criança, colocá-la no centro do processo, vê-la de forma individualizada, oferecer recursos e espaços necessários, e promover experiências empíricas, ou seja, vivências concretas.

Para os adultos, desenvolver o PI é uma tarefa difícil, isso se dá pelo fato social-histórico de acreditar que ele está relacionado a hábitos não-saudáveis, os chamados “mimos”. Porém, o PI envolve encorajamento, autonomia e espaços para que a criança possa se desenvolver cada vez mais como ser humano.

O processo de aprendizagem é uma troca, onde os professores são mediadores do conhecimento, mas também, recebem entendimentos advindos da experiência com crianças. É nesse momento que podemos perceber a construção do ser social da criança, onde ela tem a oportunidade de perceber, interpretar, analisar, propor e agir no ambiente que está inserida. Com isso, fazendo com que se sintam envolvidas, comprometidas e interessadas.

Existem dois principais pontos para colocar em prática o Protagonismo Infantil, tanto no ambiente escolar, quanto familiar. O primeiro é a escuta ativa, onde os adultos precisam ouvir as crianças, porém de uma forma atenta e demonstrando compromisso com tal diálogo. Além de ouvir, também observar os sinais, gestos e ações delas, todas demonstram suas necessidades e desejos. O segundo ponto é criar ambientes acolhedores, onde o espaço seja receptível para as crianças, nos quais elas se sintam encorajadas a se expressar e criar novas concepções.

Diante disso, podemos perceber que o Protagonismo Infantil possui uma grande contribuição para a vida da criança, em todos seus aspectos. Afinal, com pequenas mudanças de atitudes do cotidiano, a criança tende a se tornar um adulto



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

mais confiante, participante da sua sociedade e determinado nas tomadas de decisões da sua vida e da sociedade que está inserido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as proposições que trouxemos neste artigo, podemos apontar um grande avanço quando se trata da infância vista como concepção social diferenciada da fase adulta. Os Estudos das Infâncias constituem um campo interdisciplinar e em constante evolução que busca compreender e analisar a experiência infantil de forma mais contextualizada. Através da pesquisa acerca do protagonismo infantil das crianças, esse campo tem desempenhado um papel fundamental na desconstrução de estereótipos que, por muito tempo, permearam a visão da Infância. Contudo, ainda há muito a ser compreendido sobre a concepção, pois a sociedade ainda está em processo da visibilidade infantil e de despir-se da lente do adultocentrismo.

Os Estudos das Infâncias demonstram uma responsabilidade com o reconhecimento e disseminação da ideia de que não existe uma única infância, mas sim, várias e influenciadas por fatores culturais, sociais, econômicos e políticos. Dessa forma, cria-se uma maior sensibilidade em relação às necessidades e direitos das crianças em diferentes contextos, promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Seguindo no âmbito dos Estudos das Infâncias, podemos considerar que a área também tem enfatizado, cada vez mais, a importância da escuta ativa das crianças. Com participação ativa delas, suas vozes têm sido elevadas e, assim, abrindo espaço para que as crianças expressem suas perspectivas, preocupações e desejos. Isso, além de ajudar a melhorar a auto-estima e bem-estar delas, também promove o desenvolvimento de uma cidadania ativa e consciente desde a fase da infância.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

A área dos Estudos das Infâncias representa um campo crucial de pesquisa e reflexão, a qual tem contribuído para uma compreensão maior e respeitosa da experiência infantil. Com o reconhecimento da diversidade das infâncias, a participação das crianças e incentivar o diálogo, esse campo tem um grande potencial para expandir as pesquisas sobre o assunto e disseminar, cada vez mais, as suas ideias.

A Sociologia da Infância, por sua vez, é um campo de pesquisa que se concentra na compreensão das experiências, perspectivas e atitudes das crianças na sociedade. É um estudo que está ganhando, cada vez mais, importância entre as áreas de pesquisa, contribuindo para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais que envolvem a infância. A SI é uma área essencial quando se trata do desafio da visão tradicional da criança como um ser passivo na sociedade. Ela busca reconhecer que as crianças são atores sociais ativos e participantes em suas próprias vidas.

Em complemento aos Estudos das Infâncias e a Sociologia da Infância, devemos citar o Protagonismo Infantil, que se refere ao papel ativo das crianças na sociedade. É um conceito que a sociedade percebe benefícios significativos através do empoderamento das crianças e da promoção de sua participação ativa nas decisões de seus ambientes. O PI não se limita a dar voz às crianças, mas também envolve o reconhecimento de suas capacidades e direitos. Ao permitir que as crianças expressem suas opiniões e desejos, estamos promovendo seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Com isso, fortalecendo sua autoestima, senso de identidade, habilidade de tomar decisões e resolver conflitos.

Com isso, a pesquisa na área das infâncias ganhou uma visão exploratória, que, através da SI e do PI, encontra identificação e sustentação na construção do conhecimento da criança e da infância enquanto fenômenos próprios.

Em vista disso, deve-se ressignificar a concepção de criança apenas como ser biológico, tendo uma ideia de inocência e total dependência do adulto. E sim, entender



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

a criança como ser social ativo e produtora de culturas, entendendo que deve-se dar voz às crianças para que elas possam ser protagonistas da sua própria história.

Além disso, também pode-se destacar que este estudo é de grande valia para a formação de pedagogas, em sua formação inicial. São concepções para perceber que à nossa volta existem outras histórias, modos de viver particulares, mas, ao mesmo tempo, tornam-se plurais nas trocas de experiências. Investindo no entendimento que a infância é além de uma fase biológica, mas também é uma concepção de um ser social dentro do coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALIPIO, Andréia Nunes Pereira; ARRUDA, Alexssandra Rodrigues de; MATOS, Ivonete Gonçalves de; BUENO, Solene Sousa Rodrigues; ROCHA, Valdinete Ribeiro. **Protagonismo Infantil – O ato de aprender como forma de resistência**. Revista Gestão Universitária, junho, 2023. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/protagonismo-infantil-o-ato-de-aprender-como-forma-de-resistencia>. Acesso em: 21 de set.
- ALMEIDA, Ana Nunes de. **Para uma sociologia da infância: jogos de olhares, pistas para a investigação**. 1ª ed. Lisboa: ICS, 2011.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 17 de set.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília/DF, 2018.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zaharr, 2005.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. 1ª ed. Rio de Janeiro; Vozes, 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (orgs). **Sociologia da Infância no Brasil**. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FERNANDES, Natália. **Infância, Direitos e Participação. Representação, Práticas e Poderes**. Porto: Afrontamento, 2009.

FRIEDMAN, Adriana. **Protagonismo Infantil**. Disponível em:
https://www.academia.edu/36620560/Protagonismo_infantil. Acesso em: 05 de set.

JENKS, Chris. **Constituindo a criança**. Educação, sociedade e culturas, Londres, n. 17, p. 185-216, 2002. Disponível em:
<https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-arquivo.pdf>. Acesso em: 21 de set.

LIMA, Samantha Dias de; NASCIMENTO, Renata Cristina Lacerda Cintra Batista; RIBEIRO, Ana Sebastiana Monteiro. **As marcas das relações culturais entre crianças e adultos: um diálogo com a sociologia da infância**. Educação em Perspectiva, Viçosa/MG, v. 10, n. 019012, p.1-12, nov., 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufv.br/educacaoem perspectiva/article/view/7136/3720>. Acesso em: 05 de set.

LIMA, Samantha Dias de. **Formação (Inicial) em Pedagogia: um outro olhar para as infâncias**. Orientador: Dr. Jaime José Zitzkoski. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/128896/000975897.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 de set.

LIMA, Samantha Dias. **Pedagogias, infâncias e docências: o que narram as acadêmicas sobre suas aprendizagens?**. Educação em Foco, Belo Horizonte, v. 21, n. 33, p. 13-31, jan./abr. 2018. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1519/1608>. Acesso em: 21 de set.

LIMA, Samantha Dias de (org.). **Notas sobre o brincar: experiências na constituição de uma brinquedoteca**. 1. ed. Estância Velha: ZMulti, 2021.

LIMA, Samantha Dias de (org.). **Vocabulário LABPED: saberes construídos no Laboratório Pedagógico de Experiências Educativas – Ano 1**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes Marques. **Sociologia da Infância e Educação Infantil: à procura de um diálogo.** Revista do Centro de Educação, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 149-162, abril, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117150748012/html/>. Acesso em: 21 de set.

MULLER, Fernanda. **Infâncias nas Vozes das Crianças: Culturas Infantis, Trabalho e Resistência.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/t5MFKhqkjqgcqXv8BFcpxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 de set.

PEREIRA, Fátima. **Governo da Infância e Profissionalidade Docente: narrativas em Formação Inicial de Professores.** Educação, Sociedade & Culturas, Porto/Portugal, n. 29, p. 89-108, 2009. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC29/29FatimaP.pdf>. Acesso em: 05 de set.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Universidade do Minho, 1997.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância.** 1ª ed. Rio de Janeiro; Graphia, 1999.

Protagonismo infantil: Saiba a importância e como desenvolver. Super Autor, 2020. Disponível em: <https://superautor.com.br/protagonismo-infantil-saiba-como-desenvolver/>. Acesso em: 21 de set.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/agosto, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 de set.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância.** Cadernos de Educação, Pelotas, v. 21, n. 21, p. 51-69, julho/dezembro, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119/5355>. Acesso em: 15 de set.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO, Manuel Sarmiento (org.). **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.** Porto; Asa, 2004, p. 9-34.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Farroupilha

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni (org.). **Produzindo Pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis; Vozes, 2007, p. 19-40.

SILVA, Jacqueline Silva da; SCHNEIDER, Mariângela Costa; SCHUCK, Rogério José. **O Princípio do Protagonismo Infantil e da Participação da Criança na construção do planejamento no enfoque emergente**. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 64-84, janeiro/junho, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/viewFile/1715/1564>. Acesso em: 21 de set.